

LECOURT, Dominique. *Humano pós-humano: a técnica e a vida*. São Paulo: Loyola, 2005.

Beatrice de Brito Benevides ¹

O filósofo Dominique Lecourt, nascido em 05 de fevereiro de 1944, em Paris, é professor da Universidade Paris Diderot-7, e discute questões como ética, política e ciência, atentando ao biocatastrofismo e ao cientificismo. Tais questões são pertinentes na presente obra, a qual é dividida em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, o autor se refere ao século XXI como o “século biotecnológico”, devido às transformações na agricultura e na medicina com o desenvolvimento das nanotecnologias. As transformações a que ele se refere são os obstáculos superados pela revolução da transgênese. Essas podem transformar desde os alimentos, deixando-os mais nutritivos, até a prevenção de doenças futuras. Porém, Dominique atenta ao uso indevido e desnecessário da tecnologia, quando esta é usada para “interesses mais materiais e financeiro do que metafísicos e humanitários” (tal qual o eugenismo liberal) e aponta para uma responsabilidade futurística, pois a ciência é incerta quanto a prevenção de perigos devido a esse uso inadequado da tecnologia.

Ele usa como exemplo a inseminação artificial e a clonagem para explicar a questão ontológica da “pós-humanidade”, onde a vida humana se reduz a um objeto de mercadoria e o homem perde a sua singularidade em função do lucro com essas técnicas, ameaçando, dessa forma, a própria “natureza humana”. Sugere então uma busca por uma norma intangível, sem proibições, mas com soluções.

No segundo capítulo, Dominique Lecourt apresenta duas concepções que se referem à situação do homem no mundo: os tecnoprofetistas e os biocatastrofistas. Os biocatastrofistas alertam sobre o perigo, um milenarismo apocalíptico, enquanto que os tecnoprofetistas falam otimistas a respeito da revolução tecnológica, quando propõem a construção de máquinas que ultrapassem o modelo humano.

É aí que ele chama a atenção para a necessidade de se questionar se isto não poderá ocasionar uma reviravolta na evolução humana, pois como as máquinas já fariam a maior parte das atividades (domésticas, profissionais, esportivas), o homem não teria necessidade de desenvolver habilidades - como quando teve de conseguir alimentos, escapar de predadores, criar e proteger a prole - com a promessa de compensar o atraso do cérebro e “transcender” os limites da condição humana.

No terceiro capítulo, Lecourt explicita a ideia de que a técnica se tornou indissolúvel à ciência (devido a relação de dependência entre ambas), denominada por ele de “tecnociência”. E a relação da técnica com a vida, pois esta ultrapassou a necessidade e a ordem da natureza, e também está relacionada à individuação de cada um através das inovações, chamando atenção para a importância da aplicação da ética a cada inovação.

E por fim, no quarto capítulo, ele destaca o fato do homem ter perdido sua singularidade (aquilo que o definia como um “ser humano” e que o diferenciava de todos os outros seres), na medida em que quase todas as suas ações são mediadas pela técnica, na busca de sua potencialização e superação aos seus limites biológicos, desvalorizando sua natureza e tornando-a um mero objeto de manipulação e lucro; um ser que perdeu sua essência e ultrapassou o humano, tornando-se o além do homem, o pós-humano.